



Blumenau *em Cadernos*

TOMO IV — JANEIRO 1961 — Nº 1

Fábrica de Gaitas

“Alfredo Hering” S. A. Com. e Ind.

Largo Cel. Feddersen — Cx. Postal, 115 — End. Tel. “Gaita”
BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

TRADIÇÃO e QUALIDADE em
CAITAS DE BÔCA e ACORDEÕES

procure conhecer os no-
vos modelos de gaitas
e sanfonas, em moderno
acabamento.-

BLUMENAU **em CADERNOS**

Tomo IV

JANEIRO DE 1961

N.º 1

O ITAJAÍ - MIRIM **(SEUS PRIMEIROS DESBRAVADORES)**

Almirante Lucas A. BOITEUX

**"Do alto, o rio despenha-se fremente,
De pedra em pedra pula estrepitoso;
Passa aos arrancos, bárbaro, fogofo,
Como um corcél de espuma alvinitante".**
M. de Albuquerque

I. — Por longos e dilatados anos, os mananciais e o verdadeiro curso do meandroso **Itajaí-mirim**, que hoje atravessa, banha e reflete o laborioso e próspero município de Brusque, conservaram-se ignorados ou confundidos, apesar de provávelmente, terem sido, no século XVII, transitados é bem de vêr quase às cegas, pelas audazes bandeiras dos paulistas, na fúria insana de apresar e cativar selvícolas ou à cata sedenta de veios de prata e ouro e de gemas preciosas.

A magestosa Cordilheira marítima, com sua face voltada para o Atlântico, coberta de denso manto de vegetação exuberante e frondosa a mascarar-lhe os incontáveis e aspérrimos grotões de sua natureza granítica, apresentava-se ao inquieto e ansioso povo ribeirinho como impenetrável muralha a negar-lhe o cubijado acéso aos ubérrimos e armentosos campos serranos.

Também as comunicações marítimas sempre aleatórias e as litorâneas cheias de ásperos entraves, não permitiam o desejável, rápido, proveitoso intercâmbio dos centros comerciais do norte com os incipientes povoados da região platina.

Perante tal situação, um animoso e influente paulista, Bartolomeu Paes de Abreu, depois de bravamente terçar espadas contra os Emboadas, pensou em resolvê-la, oferecendo-se a el-rei, em carta de 23 de Março de 1720, rasgar uma estrada de comunicação entre os campos de Curitiba e as cochilhas da Colonia do Sacramento, em troca de vários privilégios. Ao que sabemos, malogrou-se, infelizmente, o seu meritório propósito. El-rei perdulário não lhe deu ouvidos.

II. — Procurou romper êsse sério entrave pondo em prática o intento de Paes de Abreu, o governador de São Paulo, Caldeira Pimentel. A 19 de Setembro de 1727 dava êle instruções ao Sargento-mór de cavalaria Francisco de Souza

Faria, — “que tinha inteligência e circunstâncias necessárias e... pelo conhecimento que tinha daquelas campanhas até a Colonia (do Sacramento), amizade que tinha com os índios e com os castelhanos...” — para abrir caminho das campanhas do sul para os Campos-gerais de Curitiba.” Aparelhado que se achava, Faria, logo no dia seguinte, se punha em marcha com escala pelos povoados da costa do sul, arrebanhando gente para o áspero empreendimento. A testa de 63 trabalhadores e acompanhado do piloto José Inácio e do vaqueano Manuel de Sá Correia, iniciou êle o desbravamento da estrada, nas cercanias do Mórro dos Conventos (Araranguá) aos 11 de Fevereiro de 1728.

Desbastando uma região até então impérvia, a caminho do norte, palmilhou êle o seguinte itinerário: Araranguá, Itaipabas, Orqueta, Serra de Paranaíacaba, Cruz dos Tapes, Rio dos Porcos, Boa-Vista, Tijucas “até chegar ao grande Cambiêra ou Morro de Sant’Ana fronteiro da Ilha de Santa Catarina”, Rio Santa Luzia, Morro do Tayó, Rio Uruguai, Rio Passa-Quinze, Morro do Birimbáu, Serra Negra (morro Negro, Ibituruna), Campo dos Curitibaanos, Itajáimirim, Mata do Espigão, Mato de S. João, Fachina, Garcêlhos, Ribeirão Itapeva, Rio S. Lourenço, Rio Inhanguêra, Rio Una (rio Negro), que é rio de Jangada por ser fundo, Rio-Grande pequeno (Iguassú-mirim), Campos gerais de Curitiba, Rio do Registro (dia de Na. Sa. da Luz, 1730).

Não nos parece muito fiel a série da nomenclatura das etapas dêsse trajeto, como se constata com o Itajáimirim, nome que guardou de sua origem ameríndia, e que se nos afigura ser o Açú. Quanto ao que nos interessa neste momento estou propenso a acreditar que, por primeiro, foi êle explorado, sem lhe alcançar as cabeceiras, no último quartel do século XVII, por João Dias de Arzão e sua gente.

III. — Outro destemeroso paulista, Christovam Pereira de Abreu, foi nomeado pelo governador Caldeira Pimentel inspetor da referida estrada, que passou a ser conhecida por “estrada da Mata”. Homem de vistas largas, aproveitou-se dessa privilegiada situação; e, em 1731, por ela encaminhou uma tropa de 800 cabeças de gado vacum. Mais tarde, voltou do Rio-Grande tangendo 3.000 cavalgadas e 500 vacas que, naturalmente se desalteraram nas águas dos mananciais do Itajáimirim. Em vista de constantes reparos na estrada levou treze mêses no seu percurso.

Entretanto, dia a dia mais se tornava necessária a comunicação do litoral catarinense com a região serrana. O governador da capitania, brigadeiro José da Silva Paes, lobrigou, como bom administrador, a vantagem desse empreendimento. Assim é que, em 1746, mandou iniciar uma picada nesse sentido. Julgamos não ter sido ela levada a têrmo, em consequência do seu afastamento temporário do govêrno, chamado que fora à praça da Colônia do Sacramento. Diga-se, de passagem, que, no chamado caminho do sertão, em a paragem das Lagens foi assassinado, nesse ano, por Silvestre Preto, certo Sebastião de Brito Peixoto, que supponho ter sido um dos bastardos do Capitão-mór da Laguna, Francisco de Brito Peixoto.

Uma exploração ao hinterland, com o mesmo propósito apontado teve lugar em o final do govêrno do Tenente-coronel Francisco Antônio Cardozo de Menezes e Souza, em 1764. Foi dela encarregado o Tenente das Ordenanças da terra, José Luiz Marinho, que começou por abrir uma picada acompanhando o rio Cutabão e terminou por descobrir vastos campos, que denominou de “Governador” em homenagem ao chefe do governo.

Em o Arquivo Militar do Rio de Janeiro, existia uma cópia aquarelada, de 0m,516 x 0,70, da "Planta da Serra e cabeceiras dos Rios Cubatão, Tijuca e Tajahy na terra firme ao Oéste da Ilha de Santa Catarina", pelo Sargento Maior Engenheiro Francisco João Roscio". Trazia ela a explicação:- "Esta Planta feita por intimação (sic) do Tenente das Ordenanças José Luiz Marinho que, por ordem que teve, entrou pelo Rio Cutabão abrindo uma picada e descobriu os Campos que se acham ao pé da Serra".

IV. — O governador de São Paulo, Antonio Luiz Botelho Mourão, Morgado de Matheus, na ignorância dos limites de sua vasta capitania, encarregara o Guarda-mór Antonio Correia Pinto de fundar um povoado para entestar com as Missões Castelhanas. Todavia encontrou oposição da parte do coronel Custodio de Faria, governador do Rio Grande do Sul e da Câmara de Viamão, que prestavam invasão de suas ráias. Vendo contrariado o seu projeto, escreveu a 7 de Abril de 1767 a Correia Pinto "para que — dizia êle — não obre cousa maior" e lhe informasse se "se poderá fazer com a mesma utilidade esta fundação nas cabeceiras do rio das Canoas ou nas margens do Rio **Tuyuhy**...".

Em 1771, consta ter-se iniciado uma comunicação com a Serra pelo rio Tubarão, serviço auxiliado pelo guarda-mór Correia Pinto.

O Morgado de Matheus, por seu lado, officiava, a 24 de Julho de 1772, ao seu colega de Santa Catarina, Souza de Menezes, mostrando-lhe a necessidade da "abertura de uma via de comunicação, pela Serra com o continente do sul de São Paulo, a fim de se tomar medidas e providências a tempo contra os castelhanos, no caso de alguma invasão".

Segundo nos esclarece Almeida Coelho, nenhum efeito teve essa providência. O governador catarinense, coronel Gama e Freitas em informação prestada ao Vice-Rei, em officio de 2 de Maio de 1776, a respeito desses acessos ao sertão, explicava que "o principal motivo da entrada naquele sertão, fôra a descoberta do Morro do Taió, que passa por tradição ser abundante de ouro". "Não me consta — prosseguia êle — haja mais nada, que terem-no conhecido, mas é provável que nêle façam alguns exames minerais". Como se vê existiam referências ao **Itajai-mirim**, mas sem nos darem informações precisas sobre sua fonte natural, seu curso, seus afluentes.

V. — Corria o ano de 1786. Governava a capitania catarinense o distinto brasileiro, "infatigável e zeloso" Coronel José Pereira Pinto. Sempre e cada vez mais se apresentava a necessidade de desbravar o manto denso e nemoroso que cobria a muralha da Serra do Mar, rasgando uma via de comunicação fácil entre as ribas oceânicas e o planalto de oéste. O Vice-Rei Luiz de Vasconcelos, bem informado andava a respeito dessa precisão ardentemente desejada pelos moradores do litoral. Assim é que entregou a direção dêsse empreendimento ao operoso governador. Êste, por sua vez, pôs à frente da áspera tarefa um catarinense de sólidos haveres, de gênio ativo e empreendedor, o então Alferes de Milícias José Antonio da Costa. Cabia-lhe realizar uma prévia exploração ao rumo de oéste alcançar os aros da vila de Lages, ainda nêsse tempo sob a jurisdição do govêrno de São Paulo.

A 5 de Janeiro de 1787 o Governador baixava a Portaria, que se segue:- "Sendo de admirar, que depois de tantos anos, que esta Ilha se acha povoada se não tenha formalmente explorado o Sertão, que fica a oéste da mesma Ilha da qual por tantos titulos se podem obter as maiores utilidades que só são ca-

pazes de tirar do mediocre estado em que se acha constituída o fazê-la passar ao da opulência pela correlação, que se pode estabelecer com outros distritos, e querendo o Alferes de Cavalaria auxiliar desta Vila, Antônio José da Costa prestar-se voluntariamente à sua custa ao sobredito Descobrimento cuja resolução denota um espirito de verdadeiro patriota e que se por intentá-lo se faz digno do maior louvor e atenção; concedo ao dito Alferes (pela permissão que para isso tenho do Ilmo. e Exmo. Snr. Vice-Rei do Estado) o poder entrar no dito Sertão pela parte que lhe parecer mais cômoda a fim de estabelecer uma comunicação desta Ilha com a Capitania de São Paulo por cima da Serra; advertência porém, que deve fazer um diário, que declare o dia, mês e ano em que entrou no sobredito descobrimento, a parte por onde principiou, os diferentes rumos que seguiu, a qualidade de Montes, Valles, Campos etc., que encontrou e para que são próprios, as diferentes raridades nos três Reinos Animal, Vegetal e Mineral de que deve trazer amostras, com uma explicação que faça a bem do seu completo conhecimento. Devo porém prevenir ao dito Alferes, que se do resultado desta diligência se descobrirem no mesmo Sertão amostras ou pintas de quaisquer metais, se deve trazer as sobreditas amostras com uma notícia circunstanciada pela qual se possa vir no conhecimento da maior ou menor abundância dos mesmos metais; que no caso de os haverem e feita a dita averiguação não deve o dito Alferes continuar no sobredito descobrimento, nem tornar a êle nem outra alguma pessoa da sua comitiva, sem que depois de se dar contas ao Ilmo. e Exmo. Snr. Vice-Rei do Estado do resultado da referida diligência, o mesmo Snr. dê a este respeito as suas competentes determinações". (Arquivo da Presidência, Liv. 3.º de Registro, f. 62 e ver.).

Tudo disposto, o despretençioso e intrépido catarineta, acompanhado de doze homens armados, 12 escravos e 7 bestas cargueiras, principiou sua derrota na freguezia de São José da terra firme, no dia 11 de janeiro do sobredito ano. Seguiu, de princípio, o curso do rio Imaruí e, munido de um agulhão (bússola ou agulha de marear) passou a orientar-se em meia a impressionante selva selvaggia. Da "Derrota da viagem" por êle realizada, ficamos sabendo que, no dia 22 do mês em aprêço, deixando o rio Imaruí seguiu o rumo de oeste até o dia 3 de Fevereiro, em que arranchou na serra denominado dos Pinheiros. Prosseguiu no dia 4; deparou um grande ribeirão, que julgou ser cabeceira do rio Tijucas-grande. Depois de marchar cerca de cinco quartos de légua perlongando-o, inflectiu para oeste "até meia légua distante do rio **Itajahy-mirim**, em cujo lugar me arranhei no dia 12 de Fevereiro, denominando-se então o lugar da Espera, tendo andado nestas marchas, para o rumo de oeste cinco léguas" — anota o Alferes Costa no seu diário. Alí encontrou "trilha de gente, que mostrava ser de um ou dois dias antes". Receiando desagradável encontro com escravos fugidos (quilombolas), fez alto; e, resolveu, como medida de segurança, solicitar do Governador um reforço de homens. No dia 26 era êle atendido com a chegada de 25 praças de tropa paga e de milicianos. Levantou acampamento no dia 27 com o propósito de examinar o seguimento da dita trilha, e foi arranchar no rio **Itajahy-mirim**, fazendo meia légua de caminho. "Neste lugar — escreve o desbravador — se achou estabelecido um preto por nome **Garcia** e uma preta por nome **Maria**, vivendo, aí fugitivos havia 18 anos, sustentando-se a caças do mato, que apanhavam em mundéos e pinhão da-quele que abunda este terreno; êle conservava em seu poder vários armamentos e roupas dos soldados debandados da Ilha de Santa Catarina, quando os hespanhois a invadiram no ano de 1777, e alguma roupa do sargento Marcelino de

tal, do regimento de cavalaria do Rio de Janeiro, que ali faleceu, segundo a informação do dito preto, o qual remeti com a preta e tudo o mais ao Governador de Santa Catarina”.

Em prosseguimento, escreve:- “Este terreno, desde o morro dos Pinheiros até o rio de Itajahy-mirim, tem alguns pequenos morros de subidas sofríveis, e depois segue a primeira vargem dos Pinheiros, que em partes nos acompanhava até o dito rio e são excelentes para lavouras, à excepção de alguns pequenos alagados. Dia 28 de Fevereiro, passei a examinar a margem de Lés-te do dito rio de Itajahy-mirim, três léguas para o Norte e uma para o Sul, pouco mais ou menos, e achei os seus terrenos enxutos e muito a propósito para formar ali qualquer estabelecimento que se queira fazer; na margem deste mesmo rico encontrei também uma pedreira, que mostra ser de cantaria, e um ribeirão e outra pequena pedra que mostra ser de cal; este lugar é abundante de grandes pinheiros e cedros”. “Dia 1.º e 2 de Março não se marchou por causa da enchente do rio, que obrigou a fabricar a ponte de paus para se passar por ela, e as águas a levarão alguns dias depois”.

A 11 de Junho dêsse mesmo ano de 1787 o animoso Alferes Costa empreendeu uma segunda viagem ao sertão. No diário que nos deixou nenhuma referência faz ao rio Itajaí-mirim, de que nos vamos ocupando.

VI. — Em consequência das informações colhidas no diário do Alferes Antonio José da Costa (1751-1817) de haver naquelas florestas abundância de pinheiros dos quais — observava o Governador — “se pode tirar grandes utilidades e fazer emanar um muito lucrativo ramo de comércio por meio da Terrebentina, Alcatrão, Pez, mastros, vergas, etc.” resolveu tentar a exploração dêsse produtos naturais. Para isso designou êle outro catarinense, o então Alferes João de Bittencourt Pereira Machado e Souza (1750-18), pela portaria de 27 de Setembro do ano acima referido. Ordenava o governador: “...entre para o mesmo sertão com a escolta que lhe está determinado, munida de instrumentos e de todo o mais necessário, a pôr em prática as instruções com esta juntas, que ensinarão a extrair dos referidos Pinheiros os óleos e resinas acima ditos, dos quais trará amostras com tôdas as informações que fizerem a bem do perfeito conhecimento deste importante objeto”.

Não sabemos se a tarefa atribuída ao Alferes Bittencourt não correspon-deu às esperanças do Governador; êste, em carta ao seu subalterno, datada de 20 de Outubro, determinava: “Como a diligência do exame dos Pinheiros a que Vmcê. se dirigiu, não produziu por agora, fruto algum, talvez por que a Estação é imprópria; logo que Vmcê. receber esta porá em boa arrecadação os Barris, Ferramentas e mais Instrumentos que levou para a referida diligência, para a seu tempo se intentar novamente: isto feito se porá em marcha para se recolher à esta Capital...”

A 20 de Dezembro dêsse ano o Alferes Bittencourt apresentava uma “descriçãõ da Picada do sertão novamente aberta, etc.”. Nessa exploração reconheceu êle que o rio chamado Pai Garcia pelo Alferes Costa não era o Itajaí-mirim mas o Tijucas-grande. Em o § 10.º de sua descriçãõ diz que entre umas serras e o campo da Boa-vista “há dois rios e um grande ribeirão, que quase duas lagoas para o norte donde passa a picada, se ajuntam e formam o Itajahy-mirim: o primeiro destes rios (da parte de lés-te) tem 12 braças de largo e todo o seu fundo é pedra; e quando é estio passa-se sôbre as pedras quase a pé enxuto, porém quando há trovoadas sobe tanto a água e tão arrebatada a sua cor-

rênte, que ainda havendo ali canoa se não poderá passar sem grande risco; o segundo, mais a oeste, tem 10 a 11 braças de largo, e o ribeirão de 5 até 8 em partes, mas a respeito de fundo e corrente estão nas mesmas circunstâncias do primeiro "rio".

Referindo-se aos lugares na estrada do sertão mais próprios para o estabelecimento de povoações ou freguezias diz que lhe parecia muito bom "a propósito o lugar onde a estrada passa sobre o **Itajahy-mirim**, abaixo da confluência dos três grandes ribeirões, que ali formam o seu corpo; ou seja entre este rio e a Serra-geral, ou dêle para o campo da Boa-vista..."

Como se vê, o Alferes Bittencourt nos fornece mais claras informações sobre os formadores do serpeante e impetuoso rio, que nos absorve a atenção.

VII. — Feitas, como deixamos dito, as explorações necessárias à abertura de uma via de comunicação do litoral com a Serra, foi esta arrematada pelo futuro Coronel Antonio José da Costa e Antonio Marques Arzão, pela quantia de 24.000 cruzados. Iniciaram êles o serviço em 14 de Novembro de 1788 e o terminaram a 6 de Dezembro de 1790, quando foi entregue ao Procurador da Câmara do Destêrro. Tinha de extensão essa estrada 16 léguas e 560 braças, desde a guarda de Imaruí e a linha fronteira da capitania de Santa Catarina com a de São Paulo. Informa-nos Peulo J. de Brito, em sua preciosa "Memória política", que até 1800 esta estrada se conservou aberta. Mas, afinal "o mato foi crescendo pelo decurso (sic) dos tempos; mandaram-se retirar algumas patrulhas do Regimento de linha, que se tinham colocado em diferentes lugares, e em virtude dêsse progressivo e depois total abandono fechou-se a estrada de sorte, que hoje (1816) nem vestígios existem dela; tal foi o desgraçado fim de uma obra tão útil em que se desprenderam vinte e quatro mil cruzados".

Esse autor nos dá a seguinte notícia a respeito do rio que focalizamos: "...este rio (o Itajaí) recebe por ambas as suas margens outros muitos do sertão de Santa Catarina, sendo pela do sul que lhe entra o rio **Tajahi-mirim**, que tem as suas cabeceiras nas vizinhanças das faldas de lêste da referida Serra Geral, e do campo do Governador, e corre para o norte entre aquela Serra e o Campo da Boa-vista..."

O P. Ayres Cazal em sua "Corografia brasilica", 1817, informa que o **Tajahy-mirim** vem do Sudoeste, e dá navegação a canoas por espaço de dez léguas e rega terrenos de grande fertilidade. Depreende-se desta simples notícia que o rio já havia sido explorado em boa extensão a começar de sua foz.

VIII. — Em o governo do Brigadeiro João Carlos Pardal (1837-39) foi mandado reconhecer o rio **Itajaí-mirim** certo alemão, Antônio Hândeshen, (ou "**Vicente**, como êle o traduzia em português e se assinava", segundo nos informa Santos Silva). Fez-se êle acompanhar de mais oito ou nove compatriícios originariamente colonos vindos para o núcleo de São Pedro de Alcântara. Penetraram o sertão pela Vargem dos Pinheiros e desceram pelas imediações do Tijucas até a colonia Nova-Itália (depois Dom Afonso). Dessa exploração ficou verificado que o suposto **Itajaí-mirim** era o que tomou posteriormente o nome de Pai-Garcia.

Aqui, de passagem, uma simples pergunta: - "Esse alemão, Antônio Hândeshen, que se assinava **Vicente** não seria o notado **Vicente SÓ**, de que nos fala o Dr. Oswaldo Cabral em seu opulento trabalho sobre Brusque?..."

Dá-nos o "Dicionário geográfico do Império do Brasil", (1845) de Milliet

de Saint-Adolphe, a seguinte descrição do rio em aprêço:- “**Itajahy-Mirim** — Ribeiro da província de Santa Catarina. Dá navegação a canoas por espaço de perto de 10 léguas, e é um dos principais tributários do rio Itajahi. Chamam-no alguns **Trombudo**”.

IX. — Um outro destemido catarinense, habituado à exploração do sertão e afugentamento dos selvícolas, o Alferes (falecido no posto de Capitão) João Ricardo Pinto foi mandado, no governo do Dr. João Coutinho, reconhecer as nascentes e o curso do rio **Itajai-mirim**. Acompanhado de uma escolta, empreendeu êle a descida do rio em canoas, vencendo noventa léguas em dezenove dias.

Em a “Falla” apresentada pelo presidente Dr. João José Coutinho, em 1.º de Março de 1857, lemos:- “Como se vos informou em officio de 5 de Maio do ano passado, dirigido ao secretário desta assembléia pelo da presidência, não se pôde nesse ano concluir a exploração do rio Itajahy, que passa na colônia militar e estrada de Lages. Entendendo de grande conveniência a exploração, tanto para se verificar se era ramo do grande Itajahy, como para se reconhecer a sua navegabilidade, incumbi neste ano dessa exploração o prestimoso tenente comandante da companhia de pedestres João Ricardo Pinto. Este ativo e coraçudo official saiu desta capital para a colônia militar, e preparando alí algumas canoas partiu rio abaixo no dia 2 do corrente (?) com 25 praças em 9 canoas, e fazendo voltar nesse mesmo dia uma, que faleceu de bexigas no dia 8, seguiu com os mais umas 24 léguas, até onde o rio, encaminhando-se por entre grandes penedos, e passando entre dois alcantilados morros, tornou impossível a navegação e mesmo puxaram-se as canoas. Gastaram em fazer estas 24 léguas 8 dias.”

O Tenente Pinto prosseguiu na exploração até Blumenau. Do exposto, escreve o Dr. Coutinho: “Está reconhecido que o Itajahy, que passa na estrada de Lages pelo centro da colonia militar, é um dos ramos do Itajahy, e que além dos pequenos tributários tem êsse da colônia, um outro igual a êste que se lhe ajunta a 9 léguas pouco mais ou menos vindo de oéste, um outro de dobrada água a 8 léguas mais abaixo também do oéste, e outro da forcada (esta já vista em 1838) igual a todos os outros reunidos a 7 léguas abaixo vindo de noroéste”.

Almeida Coelho em sua preciosa “Memoria histórica”, aparecida nesse tempo (1856), nos dá a seguinte descrição do rio pôsto em foco: - “É um dos afluentes do Itajahy-Grande, e notável pelas suas numerosas voltas e mansidão da sua corrente, pelo pitoresco de suas margens e pela fertilidade das terras que atravessa; é navegável até grande distância e por embarcações que demandem bastante água. A maré faz-se sentir neste rio até junto do Taboleiro. O terreno que atravessa, e ao que parece, nem um obstáculo se opõe à junção com o rio Conceição, um dos seus contribuintes. As suas águas nascentes estão além do campo da Boa-Vista na Serra Geral e no grande contraforte que termina pelo Cambiréra. Três dos seus grandes braços são atravessados pela estrada do Trombudo, e a duas léguas daí reúnem-se, ficando o rio navegável. O primeiro destes braços do lado do nascente, no tempo da sêca, atravessa-se a pé; mas depois de grandes chuvas a correnteza torna-se tão impetuosa que seria perigoso atravessar a pé; mas depois de grandes chuvas a correnteza torna-se tão impetuosa que seria perigoso atravessá-lo ainda em canoas, e por falta de ponte interrompem-se as comunicações até que baixe. O segundo braço do Oci-

dente, na parte em que é atravessado pela estrada as suas correntes dependem das mesmas influências e experimentam as mesmas variações que o primeiro”.

X. — Vejamos o que nos diz Leonce Aubé sobre o curso d'água que nos preocupa. “O braço principal (do Itajaí) conserva o nome de Itajaí e parece vir do Sul tendo sua nascente no contraforte da Serra Geral, defronte da ilha de Santa Catarina, e sendo o seu curso dificultado por muitas corredeiras. Entre a cascata do Itajaí e sua foz, recebe êle unicamente dois afluentes de pouca importância: o Itajaí-Mirim, à margem direita, à curta distância da barra, e cujo curso é bastante longo, bastante sinuoso e navegável por pequenas canoas durante muitos dias, tendo o seu manadeiro na referida Serra, como o Itajaí-grande”.

Segundo o Padre Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, o Itajaí-mirim “tem sua origem na Serra que se prolonga entre o braço do sul do Itajaí ao ocidente, e o rio Tijucas-grande ao oriente, e segue o rumo de nordeste por uma extensão de cerca de 20 léguas com suas muitas e amiudadas voltas até desembocar na margem direita do Itajahy-grande 2.850 braças acima da sede da vila. Dá navegação até 10 léguas, porém tem muitas voltas que fatigam, tornando-se para seus moradores mais cômoda a viagem por terra quando têm de subir contra a violência de sua correnteza”.

Devido a isso, com certeza, deu-se início em 1855 a um caminho para comunicação dos seus moradores com o arraial da freguesia.

O governo imperial, tendo em vista o estabelecimento de uma colônia de alemães às margens do Itajaí-mirim foi encarregado da escolha e locação da mesma o dinâmico catarinense, Major de engenheiros João de Souza Mello e Alvim, então delegado das obras públicas da província. Isto aconteceu por 1859. O sítio apontado como mais acomodado, foi um longo estirão à margem esquerda do rio, fronteiro à uma propriedade, de certo **Vivente Só**, que nos faz lembrar o chefe da exploração do Itajaí-mirim, acima referida. Ali também já encontrava, segundo nos informa o Dr. Oswaldo Cabral em seu pujante trabalho sobre Brusque, um outro alemão, Pedro José Werner, apelidado **Pedro Mirúdo**, com casa de moradia e engenho. Não seria este um dos companheiros do referido Vicente, amante da solidão?...

XI. — E, para terminar esta prolixa investigação sobre o famoso rio, passo a transcrever o que sobre êle o nosso saudoso e abalisado conterrâneo, General José Vieira da Rosa, conhecedor inegalável do facies geográfico do nosso Estado nos deixou esclarecido em sua preciosa “Chorografia de Santa Catarina”, 1909:- “O Itajahy-mirim, que no seu segundo terço banha a futura vila de Brusque, tem um curso de cento e trinta quilômetros. Vai buscar sua nascente na Serra do Mar, não muito longe das cabeceiras do Braço-do-Norte e corre sempre no vale formado pelas serras do Itajaí e Tijucas. Correndo em terreno muito acidentado, não admira que apresente tão numerosas voltas, mas que não impedem que se possa notar que o curso deste rio, siga um rumo mais igual na direção de sudoeste para nordeste formando com o Itajaí-guassú um ângulo muito agudo. Em seu curso a caminho do litoral, recebe pela margem direita doze destacados afluentes; e, pela esquerda, um maior número dêles. Não alcança o oceano, lançando suas águas no Itajaí-assú, pela margem esquerda dêste à montante da barra dêste cerca de seis quilômetros”.

O NOVO GOVÊRNO DE BLUMENAU



Hercílio Deeke o novo Prefeito de Blumenau.

outubro de 1960, uma verdadeira revolução pelo voto, aneia por dias melhores.

Dest'arte, também o novo govêrno de Blumenau terá, pela frente, muitos e sérios problemas a enfrentar e a resolver. Temos, porém, confiança nos homens que os blumenauenses escolheram para dirigí-los, quer no legislativo municipal, quer na Prefeitura. Eles saberão, esquecendo dissensões partidárias, afastando preferências ou paixões, mirar, apenas, os superiores interêsses do município, do Estado e do Brasil. Nêsse sentido são as preces que, nesta oportunidade, dirigimos aos céus.

No extraordinário surto de progresso com que a cidade e o município vêm sendo bafejados, há muito que fazer por Blumenau. Façamo-lo com entusiasmo, felizes por podermos prestar algum serviço,

por pequeno que seja, à nossa Terra, tão digna da nossa estima, do nosso entranhado amor, do nosso mais completo devotamento.

Com a posse do novo prefeito, deixou o govêrno do município o sr. Frederico G. Busch Junior. Esse distinto cidadão já governara Blumenau em dois outros períodos, tendo desempenhado as altas funções com honestidade e compreensão. Fêz o que pôde por sua Terra e pelos seus co-municípes.

E' de se salientar, nesta oportunidade, a atuação serena e proveitosa da colenda Câmara Municipal, composta de representantes de vários partidos, os quais, bem compreendendo a grandiosidade de seu mandato, têm estado à altura da missão de que se acham investidos pelo povo de Blumenau. Como não poderia deixar de ser, têm surgido dissensões no seio da edilidade. Isso, entretanto, longe de desmerecê-la, é, antes um atestado do seu interesse na defesa da comunidade.

Permita Deus que continuem, assim, os dois poderes, harmônicos, sincronizados, olhando, acima dos partidos e das conveniências, a grandeza e a glória de Blumenau.



Frederico G. Busch, cujo mandato terminou a 31 de janeiro.

★

BRINDES AOS "CADERNOS"

Foram muitas as pessoas que nos dirigiram cartões de BOAS FESTAS e de ANO NOVO, pela passagem do Natal e comêço de 1961.

Na impossibilidade de agradecer, a cada um em particular, essa gentileza, expressamos, daqui, o nosso reconhecimento, retribuindo-lhes os votos que nos dirigiram.

A "Casa Bürger", conceituado estabelecimento blumenauense de artigos finos para homens, senhoras e crianças e cujo proprietário é destacada figura dos meios comerciais do município, teve a delicadeza de nos presentear com uma bela agenda de bolso, para o ano que se inicia, e na qual, além de muitas outras informações de utilidade prática, fez inserir dados estatísticos sôbre a cidade e o município de Blumenau. Torna-se, assim, êsse brinde, ademais de uma delicada lembrança, um veículo interessante de propaganda da nossa Terra.

Ao senhor Bürger, com os nossos agradecimentos, enviamos parabéns pela idéia.

NONAGENÁRIA ILUSTRE

Se não é a mais idosa das blumenauenses vivas, a exma. senhora Augusta Abry é, sem dúvida, das mais velhas. Completará, no próximo mês de março, nada menos de 96 anos de idade.

E, quase centenária, encontra-se, ainda, em perfeita saúde e lucidez de espírito. Conserva, inalterados, os requintes da educação que recebeu, mantendo, em todas as oportunidades, uma linha impecável, um apuro no falar e no comportar-se, como se ainda se encontrasse no esplendor da maturidade.

Descendente de cepa tradicional, ligada, pelo matrimônio, a um incansável batalhador pela causa do progresso blumenauense, mãe de filhos que se distinguiram na vida do município e do Estado, a honrada dama teria de certo, muita coisa interessante a contar do seu longo passado.

Aniciávamos por entrevistá-la, para pedir-lhe que dissesse algo do seu tempo, aos leitores dos "Cadernos".



Dona Augusta Abry, que em março dêste ano, completará 96 anos de idade, descende de um dos primeiros e dos de maior mérito, colonos de Blumenau, Henrique Clasen e uniu-se, pelo matrimônio, a Luís Abry, outro blumenauense ilustre. No presente artigo, ela relembra fatos do seu passado e da vida acidentada do espôso. Ainda lúcida e gozando de boa saúde, dna. Augusta conserva, prazerosamente, sôbre os começos de Blumenau e os homens que alicerçaram a atual grandeza e prosperidade de Blumenau.

* * *

Felizmente, essa oportunidade surgiu numa visita que fizemos a uma das suas filhas, a senhora Kneip, de Curitiba.

Dona Augusta Abry reside em Blumenau, em companhia de sua filha Joana, casada com Alfredo Kaestner que, como tesoureiro da Prefeitura Municipal, ora aposentado, pode orgulhar-se de ter deixado uma tradição de honradez, de dedicação ao trabalho, de austeridade de costumes digna de admiração e dos melhores encômios. Há mais de 24 anos que o genro e filha dedicados prestam-lhe carinhosa assistência.

Mas, e a despeito da pesada carga dos anos, dona Augusta gosta de fazer as suas viagens, de visitar os filhos, espalhados por vários Estados do Brasil. Assim é que a encontramos na capital paranaense.

Seu pai foi Henrique Clasen de quem "Blumenau em Cadernos" já se ocupou quando tratou da sua administração à frente da Câmara Municipal de Blumenau, nos dias que se seguiram à proclamação da República.

Teve êle uma vida acidentada e da qual a filha relembra passagens interessantes, intimamente ligadas à história dos começos de Blumenau.

Clasen imigrara para o Brasil em 1856, ano em que chegou ao pôrto de Itajaí, com planos de estabelecer-se em Blumenau. Era ferreiro de profissão, e pensava exercê-la na colônia, há pouco fundada, montando, ali, uma oficina

bem aparelhada. Aconteceu que, no mesmo navio, viera outro imigrante destinado a Blumenau, também ferreiro. Era o senhor Richter. A nascente colônia não comportava dois oficiais do mesmo ofício. O filósofo, fundador de Blumenau, era minucioso também nesse particular e alvitrou que a sorte decidisse qual dos dois ferreiros subiria o rio, para se estabelecer nas margens do Garcia, onde já florescia o povoado, sede do empreendimento colonial. O destino bafejou os anseios de Richter.

Clasen, então moço solteiro, teria que escolher outro lugar para se estabelecer. E optou pelo mais prático. Ficar ali mesmo, na pequena freguesia de Itajaí, montando a sua oficina na Barra do Rio, no local da atual fábrica de papel, junto ao barracão de recepção dos imigrantes.

E um dos próximos veleiros, que chegara ao porto carregado de imigrantes para Blumenau, trouxe-lhe a moça com quem êle se casou. Chamava-se Augusta Mathes.

Viveu o casal, em Itajaí, cerca de onze anos, nascendo-lhe, ali, os quatro primeiros filhos: Adolfo, Edwig, Henrique e Augusta.

Depois, foi resolvida a mudança para Blumenau. A colônia crescera. Passara, de empreendimento particular, ao domínio do governo imperial que a dotava de verbas capazes de enfrentar as despesas com o aliciamento de novas e numerosas levas de imigrantes. Já comportaria mais uma, mais outras ferrarias.

E Clasen montou a sua em Itoupava-Sêca, onde hoje tem sua propriedade a senhora Alice Hering, viúva do fundador da Fábrica de Gaitas. Nasceram-lhe, ali, outros três filhos: Ricardo, Oto e Ema.

Do lado de lá do rio, em Itoupava Norte, o professor Scheidemantel tinha a sua escola. Ali, a menina Augusta foi aprender as primeiras letras. O trajeto, diário, era feito, parte a pé e parte em canôa, por trecho bem caudaloso do Itajaí. Lauro Muller, que depois foi o grande ministro de Rodrigues Alves e de Wenceslau Braz, também frequentara aquela humilde escolhinha, naquêlo pitoresco mas escondido recanto da colônia.

Os negócios do papai Clasen prosperaram. Ao par da oficina de ferreiro, foi criada uma loja de ferragens de utensílios e ferramentas.

Quando mocinha, Augusta conheceu aquêlo que, pouco depois, desposaria. Luís Abry era um guapo rapaz que chegara ao Brasil com catorze anos, já com o curso ginásial completo, juntamente com seu primo, Guilherme Asseburg. Trabalharam, os dois, em Itajaí.

Depois, enquanto Asseburg prosseguia na sua carreira de comerciante, chegando, mais tarde, a ser um dos mais ricos e prósperos armadores de Itajaí, Abry foi se empregar na cervejaria de Bayerstaedt, na Barra do Rio.

A Barra do Rio era maior e mais movimentada que a própria sede da freguesia, ao redor da antiga capelinha de Itajaí. Ali o dr. Blumenau construiu o grande barracão para a recepção de imigrantes e vários artifices haviam se estabelecido com as respectivas oficinas. Por isso é que, já naquêles recuados tempos, contava com uma fábrica de cerveja.

Mas, Abry estava fadado a outros destinos. A sorte levou-o ao Rio de Janeiro. Em breve porém, regressou, seguindo para Blumenau, onde se empregou, como caixeiro, na casa que Theodoro Lueders possuía em Salto Weissbach.

Auxiliou, depois, o capitão Frederico Deeke, como um dos seus batedores de mato, na localização e afugentamento dos indígenas, uma permanente e séria ameaça ao estabelecimento de novos colonos, nas terras do rio acima.

Casaram-se em 1884, Abry com 25 e ela, dona Augusta, com 19 anos. Embora o marido tivesse tido, também, uma vida bem movimentada, aventureira às vêzes, Dona Augusta foi uma espôsa feliz, pois, paciente e compreensiva, jamais se insurgiu contra as vicissitudes pelas quais os passos do espôso, envolvido, nos últimos anos e em épocas conturbadas da vida nacional, em peripécias políticas memoráveis, a fizeram passar.

Depois de terem gerido, por própria conta, uma casa de negócio em Salto Weissbach, mudaram-se, em 1887, para Pommeroda, onde também se dedicaram ao comércio, em prédio fronteiro à atual prefeitura do recém-criado município.

Onze filhos vieram enriquecer o seu lar. A êles, os espôso dedicaram o afeto e os cuidados, não apenas de pais extremosos, mas de guias e orientadores seguros. Contrariando o costume da época, seguido pelas figuras mais destacadas dos meios sociais e econômicos da colônia, que preferiam mandar os filhos para a Europa, a fim de completarem os estudos secundários, Abry encaminhou, os que

pôde, às faculdades brasileiras. Assim é que, dois dêes, têm curso universitário, e os demais, o ginásial, feito em conceituados educandários nacionais.

Matilde, que depois casou com Henrique Willerding, e já é falecida, foi a primogênita. Depois vieram Guilherme, bacharel pela faculdade de São Paulo, desembargador do Superior Tribunal de Justiça de Santa Catarina, ora aposentado; Oto, que faleceu como primeiro tabelião de Notas da comarca de Blumenau e que deixou viúva D. Eugênia Gaertner; Elsa, viúva de Paulo Eberard, o segundo agente do correio de Blumenau; Gertrudes, casada com Pedro Kneip; Henrique, oficial do exército, reformado, casado com Margarida Figueiredo; Gustavo, médico pela faculdade do Rio de Janeiro, residente em São Paulo, casado com d. Cidália Legey; Joana, casada com Alfredo Kaestner; Luis, coletor federal em Rio Negro, Paraná, casado com d. Olga Cardoso; Augusta, casada com Henrique Miehe e, por fim, a caçula, d. Otilia Abry, que vive em Curitiba.

Nas vésperas de seu 96.º aniversário, D. Augusta está com 17 netos, 26 bisnetos e 4 trinnetos.



Certa vez, a revista "O CARRO DE COMBATE", estampando o cli-chê de Luiz Abry, disse dêle, entre outras coisas elogiosas ao seu patriotismo, o seguinte: "Foi graças ao criterioso e leal serviço de propaganda desenvolvido, em tôda a extensão do território catarinense, e muito especialmente em Blumenau, pelo coronel Luiz Abry, que a Companhia de Carros de Combate, ameaçada com a desincorporação dos conscritos de 1923, conseguiu completar o seu efetivo que, digamos à puridade, é, na opinião de todos, que já presenciaram o desfilar dessa unidade, impecável no seu garbo e harmonia do conjunto. O Coronel Abry, embora os seus afazeres e interêsses pessoais o prendessem a Blumenau, centro de sua atividade, colocando mais alto do

que tudo, o grito de salvação que ouvira, enchendo-se dessa energia cívica que é a flâmula bendita dos apóstolos dos ideais nobilitantes, congregou em tórno de si a mocidade catarinense e em linguagem flamejante, apontou-lhe o portão da caserna..." E' mais um título de benemerência do homem que o presente artigo focaliza.

Relembrando passagens memoráveis da vida de seu espôso, D. Augusta refere a sua atuação destacada ao lado de Hercilio Luz, de Bonifácio Cunha, de Paula Ramos, de Pedro Feddersen e de outros próceres blumenauenses que, por ocasião da ocupação do município pelas forças maragatas, tiveram que acompanhar as tropas de Pinheiro Machado ao Rio Grande do Sul, onde passaram meses inteiros, até que a gente de Gumercindo Saraiva afastou-se para o Paraná. Foi uma época dura, de sacrifícios e de sobressaltos, que, entretanto, serviram para apaixonar, ainda mais, o marido pela política.

Militando nas fileiras do Partido Republicano, Abry chegou a ser vereador, deputado estadual e disputou com Alvin Schrader, a chefia do executivo municipal.

Quando resolveu acabar com o negócio em Pomoreda, Abry mudou-se para Blumenau, indo residir no Garcia, em casa alugada. Depois, como gerente de um engenho de erva-mate, residiu em Itoupava-Seca. Foi, também, um dos diretores da Sociedade Colonizadora Hanseática, concessionária das terras dos

atuais municípios de Ibirama, Presidente Getúlio e José Boiteux que, por ela, foram colonizados.

Nesse meio-tempo, foi, igualmente, comissário dos navios alemães que chegavam ao pórtico de Itajaí.

Seu marido, salienta dona Augusta, fôra sempre um idealista. E, justamente a sua dedicação às coisas públicas jamais lhe deixou tempo para se entregar inteiramente aos seus interesses particulares, de sorte que jamais alcançou a fortuna a que o seu preparo intelectual e a sua atividade incomum poderiam, justamente, aspirar.

Nos últimos anos de sua vida, foi nomeado tabelião de notas da comarca, cargo que, depois, transferiu a seu filho Otto.

Faleceu ainda relativamente novo a 29 de junho de 1926.

Em consideração aos relevantes serviços que seu marido prestara ao Estado e ao município, em recente decisão, a Assembléia Legislativa de Santa Catarina aprovou resolução concedendo à D. Augusta modesta pensão mensal, com o que, certamente, praticou ato de inteira justiça, um preito de gratidão à memória de quem, esquecendo as próprias conveniências, dedicou-se, inteiramente, à causa do povo.

E dona Augusta, mencionando êsse fato, o faz com lágrimas nos olhos, numa eloquente demonstração do quanto a comovera o ato do governo reconhecendo, embora tardiamente, os méritos do seu espôso e o seu alevantado espírito de sacrifício a bem da coletividade.

Voltando às recordações de seu tempo de moça, Dona Augusta fala ainda de seus pais, da morte de sua mãe, das segundas núpcias de Henrique Clasen com Alwina Rischbieter de muita coisa interessante do passado de Blumenau.

Infelizmente, o espaço de que podemos dispôr, neste número, obriga-nos a deixar, para outra oportunidade, a narração de outros fatos e pormenores abordados na entrevista que mantivemos com D. Augusta.

Com o ponto final nestas linhas, deixamos consignados os nossos agradecimentos à virtuosa dama com os nossos votos fervorosos pela conservação da sua saúde e da sua preciosa existência.

BLUMENAU **PITORESCO**



Engastada em um dos mais pitorescos recantos de Blumenau, à sombra de seculares palmeiras e anosos ciprestes, a igreja evangélica de Blumenau conserva, ainda, as suas características primitivas. Idealisado e construído por Henrique Krohberger, cuja competência profissional foi atestada em dezenas de belos edifícios construídos para a direção da colônia, o templo protestante figura entre as mais belas e originais construções da nossa cidade.

A “CULTURVEREIN”

Frederico KILIAN

Aos assíduos leitores de “Blumenau e mCadernos” peço perdoarem-me o prolongado silêncio, com relação ao histórico da “Culturverein”, sociedade que tantos benefícios trouxera aos colonos nas primeiras décadas da existência da colônia de Blumenau. Os dois primeiros relatos sobre esta Sociedade se acham publicados às fls. 66/67 e 87/89 do II Tomo de “Blumenau em Cadernos”. Eis aqui, portanto, a continuação do extrato das atas, correspondências e anotações existentes no grosso caderno que reúne aquêles históricos documentos.

A 27.^a reunião realizou-se em 13 de janeiro de 1857 e nesta reunião foram distribuídas sementes aos sócios, sendo que a quantidade restante de sementes ficou destinada à venda aos não sócios da “Culturverein”. Além disso discutiu-se ainda sobre a criação do bicho da sêda (**Bombyx mori**), e, por proposta do Sr. Dr. Eberhart, os presentes resolveram, unânimemente, conceder ao Sr. Labes, um empréstimo de “cinquenta mil réis” (Cr.\$ 50,00) sem juros, ao prazo de dois anos, para incentivar “enêrgicamente” a cultura do bicho da sêda. Nas reuniões seguintes os sócios ocuparam-se principalmente com a encomenda e aquisição, na Alemanha, e Argentina, de sementes, para a distribuição entre os sócios. Dados interessantes colhe-se de cada ata, mesmo sendo estas redigidas, às vêzes de forma sucinta. Assim nos relata a ata de 15 de setembro de 1867, na 31.^a reunião realizada, que o marceneiro Schellenberg se propôz a demonstrar, na sede da sociedade, seu invento, que consistia em uma máquina para descaroçar o algodão. Além disso não se encontra uma só ata, na qual um ou outro dos sócios não relata sobre suas experiências obtidas, quer em sentido positivo, obtendo bons resultados, ou negativo, quando o êxito não correspondia às esperanças nelas fundadas, experiências estas que ora se referiam à cultura de uma ou outra planta e sua exploração industrial, ou utilização no trato dos animais, ora versavam sobre a criação de animais domésticos, as raças mais recomendáveis e o método de seu tratamento. A êstes relatos se seguiam interessantes debates, e em geral um dos socios era escalado, para, na reunião seguinte, fazer uma conferência sobre o tema dêste debate. Os conferencistas mais citados são: Dr. Erberhart, Wilhelm Friedenreich, Dr. Blumenau, Pastor Hesse, Theodor Kleine, Sametzki, August Mueller, Fritz Mueller, W. Scheeffler, Labes e outros, sendo que, por ocasião da mudança do Sr. Dr. Eberhardt, para a cidade de Desterro, (hoje Florianópolis), a assembléia da sociedade, por unanimidade, lhe conferiu o título de sócio honorário, em vista dos reais serviços prestados à Sociedade. O próprio Dr. Blumenau, mostrava grande interesse na atividade da “Culturverein” nunca deixando de enviar à mesma novas qualidades de sementes e auxiliando-a, quer encarregando-se da compra e importação de animais de raça ou mudas de plantas, quer pleiteando junto ao governo imperial, isenção de direitos alfandegários para tais importações ou ainda a cessão gratuita de animais reprodutores. Assim, na referida sessão de 15 de setembro, o Dr. Blumenau, enviou à So-

cidade, por intermédio do Sr. R. Gaertner, uma quantidade de sementes de "sésamo" (grãos altamente oleosos), que logo foram distribuídas entre um considerável número de sócios, para a cultura desta planta oleosa. Na reunião seguinte, realizada em 13.10.67, foi deliberado adquirir dois touros, um da raça "Oldenburger" e outro "Allgäuer" e solicitar, por intermédio do Sr. Dr. Blumenau, junto ao Governo Imperial, a compra dos mesmos, bem como também uma máquina de fiar com as respectivas cardas, para o aproveitamento do algodão produzido na colônia. Do patrimônio da sociedade fazia parte, também, uma biblioteca com obras especializadas e livros técnicos, referentes à agricultura e pecuária, os quais eram constantemente consultados, biblioteca esta que, em virtude de uma doação, foi ampliada, e, por deliberação da sociedade, transformada em "Biblioteca pública popular", é o que se deduz da troca de correspondência havida entre a Diretoria da "Culterverein" com o Dr. Blumenau e o Exmo. Sr. Consul Geral Dr. Francisco Moniz Barreto de Aragão. Em carta de agradecimento, a êste dirigida pela diretoria da Sociedade, esta acusa o recebimento da doação de cinquenta libras esterlinas (£ 50,00) que o citado Consul Geral enviara à Sociedade, por intermédio do Dr. Blumenau, e comunica ao generoso doador que a sociedade, por unanimidade de seus socios, resolveu aplicar a referida importância, na compra de livros, para formar uma "Biblioteca Popular", que ficaria a cargo e sob a administração da "Culturverein" e à disposição de todos os moradores da Colônia. "Com a aquisição de bons livros, obras populares de todos os ramos da ciência, esperamos, juntamente com os esforços da sociedade, realizar o possível para o esclarecimento instrutivo em nosso meio, e assim corresponder da melhor forma ao intento da doação". Assim se expressando em a referida carta, a Diretoria demonstrou o propósito da sociedade de servir à coletividade desinteressadamente e o alto grau de cultura de seus dirigentes.



Atendendo ao apêlo que dirigimos aos nossos leitores, no número 11, dêste tomo, o nosso prezado colaborador, sr. Hitoshi Nomura, do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, enviou, para nosso arquivo, um exemplar da 2.^a edição do "Guia do Estado de Santa Catarina", editado em 1935, pela livraria Alberto Entres, de Florianópolis. Embora superado e desatualizado, o livro, que nos foi oferecido, continua tendo o seu grande valor histórico e vem enriquecer a nossa estante de literatura catarinense. Muito agradecemos a gentileza da oferta do sr. Nomura, que está se distinguindo pela sua dedicação ao estudo e pelo seu interesse por "Blumenau em Cadernos", honrado já por contá-lo no número dos seus mais destacados e cultos colaboradores.

JÁ TEMOS A VENDA O TOMO III, DE "BLUMENAU EM CADERNOS", RELATIVO AO ANO DE 1960, EM BOA ENCADERNAÇÃO, AO PREÇO DE CR\$ 300,00 QUE REMETEREMOS POR REEMBOLSO POSTAL. ESCREVAM PARA CAIXA POSTAL, 425 EM BLUMENAU, OU 1675 EM CURITIBA — PARANÁ.

18.º – Cap. Antônio Martins dos Santos

(1934)



Em consequência do movimento, que ficou conhecido por “Blumenau Unido”, e que teve por causa a divisão do município em várias outras parcelas administrativas autônomas, Jacob Alexandre Schmitt não pôde manter-se na direção do município, cargo para o qual fôra nomeado pelo interventor federal, Aristiliano Ramos.

Premido pelo furor popular, que, por pouco, não transformou a jornada em um episódio sangrento, Schmitt foi obrigado a retirar-se para Gaspar, onde os ânimos eram favoráveis à divisão, de vez que aquêle distrito era um dos candidatos à emancipação.

Foi, então, nomeado, pela interventoria federal, para substituí-lo, o capitão da Fôrça Pública do Estado, Antônio Martins dos Santos, homem ponderado e prudente, que assumiu o exercício do cargo de prefeito a 25 de fevereiro de 1934.

Sua ação à frente do governo blumenauense limitou-se, praticamente, à pacificação dos ânimos e a garantir a execução dos decretos da interventoria, que fracionaram o território do município. E, nesse particular, desempenhou com muito critério a sua missão. Governou até agôsto do mesmo ano (20-8-1934). Não esqueceu, entretanto, no desempenho das atribuições do cargo de administrador do município, que, além das razões precípua que haviam ditado a sua nomeação, havia as de ordem administrativa municipal, pròpriamente ditas. Assim, deu continuidade aos serviços de reparos das vias públicas, das estradas municipais, da direção dos distritos, da arrecadação dos tributos, enfim de todos os encargos afetos à prefeitura. E, nisso, se houve com alto espirito de justiça e vontade de acertar.

Mereceu, por tudo isso, o apóio dos homens sensatos do município, alheios aos interesses partidários e à politicagem que fervilhava, não só no Estado, como por todo o país, consequência lógica das mudanças, que a revolução de 1930 viera impôr às normas tradicionais da república.

Natural do Estado do Paraná, onde mais tarde veio a falecer, já reformado no pôsto de major, Antônio Martins dos Santos foi um dos mais distintos oficiais da Fôrça Pública do Estado, a cuja corporação prestou assinalada cooperação.

Sua fôlha de serviços está cheia de referências elogiosas à sua atuação e onde se destaca a maneira criteriosa com que, em escassos seis meses, administrou o município de Blumenau.

ENCHENTES DE BLUMENAU

(Relação das cheias do Itajaí-Açu com o seu transbordamento e consequente inundação da cidade, desde a fundação desta até os nossos dias. Esta relação nos foi, gentilmente, cedida pelo delegado de Caça e Pesca, sr. Celso Silveira, a quem consignamos, aqui, os nossos sinceros agradecimentos.)

Data	Cota Alcançada	Diferença de nível	Intervalos
1851	16,00 m.		
1855 — 20-11	13,00	Menos 3,00 m.	4 anos
1864 — 20-11	13,00	Menos 0,00	11 anos
1880 — 23-9	16,80	Mais 3,00	16 anos
1888 — maio	12,00	Menos 4,80	8 anos
1891 — 18-6	13,50	Mais 1,50	3 anos
1898 — junho	12,00	Menos 1,50	7 anos
1900 — junho	12,00	Menos 0,00	2 anos
1911 — 2-10	16,60	Mais 4,60	11 anos
1927 — 9-11	12,00	Menos 4,60	16 anos
1928 — 5-11	11,46	Menos 0,54	1 ano
1931 — 5-11	10,40	Menos 1,06	3 anos
1933 — 4-10	10,90	Mais 0,50	2 anos
1935 — 24-9	10,60	Menos 0,30	2 anos
1948 — 17-5	11,20	Mais 0,60	13 anos
1954 — 23-10	11,86	Mais 0,66	6 anos
1955 — maio	10,00	Menos 1,76	1 ano
1957 — 2-8	10,10	Mais 0,10	2 anos
1957 — 19-8	12,42	Mais 2,32	0 ano

Este quadro está, evidentemente, incompleto. Nos relatórios do Dr. Blumenau, faz-se menção de muitas outras cheias do Itajaí, aqui não relacionadas. Resta-nos, agora, aguardar as providências do novo presidente do Brasil que, em sua campanha eleitoral, em discurso pronunciado na praça que tem o nome do fundador da cidade, prometeu solenemente, mandar construir as barragens do Itajaí, indispensáveis à eliminação completa e definitiva do problema das cheias periódicas, que tantos prejuízos causam anualmente, à economia do país.

NOSSA CAPA

A capa com que apresentamos os números relativos ao quarto tomo destes "Cadernos", é mais um produto da competência e dos dotes artísticos do nosso prezado colaborador Otto Schneck Junior, autor, também, do belíssimo desenho que serviu de capa ao tomo 3.^o

Como veem os nossos leitores, trata-se de um trabalho, tendo por figura central o busto, em perfil, do Dr. Blumenau, fundador da cidade que lhe herdou o nome glorioso e que, na sua simplicidade, revela bem os altos dotes de exímio desenhista e não menos competente idealizador que é o sr. Schneck, o qual nos ofertou o trabalho como uma homenagem sua à culta população do Vale do Itajaí

Os nossos sinceros agradecimentos ao sr. Schneck. .

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

1º — “Dia do Vigiajante”. No “Clube Blumenauense de Caça e Tiro” foi organizada uma churrascada na qual tomaram parte muitos convidados, seguindo-se impressionante desfile de veículos até ao local da sede, situada em aprazível colina na rua Itajai.

— Encontram-se na cidade altos funcionários da firma Prosdócimo S/A. compartilhando das homenagens prestadas ao sr. Frederico C. Alende, que se afasta da direção da filial de Blumenau, por motivo de saúde. O sr. Alende passou a fazer parte da direção do jornal “A Nação”.

— Terminado a 0 hora de hoje o prazo de propaganda eleitoral relativo ao pleito de 3 de outubro. Infelizmente a mesma não decorreu dentro das normas da ética tradicional, havendo excesso em ataques pessoais, com panfletos difamatórios. Sobre alguns casos o juízo eleitoral mandou instaurar o competente inquérito. A Justiça Eleitoral publica advertência às tentativas de anulação de seções, viciando a votação etc. O dr. Marcílio Medeiros, digno juiz eleitoral, dirige um manifesto aos eleitores concitando-os a compenetrarem-se das suas responsabilidades.

3 — As eleições transcorrem em perfeita ordem nas 85 seções eleitorais do município, como nos de Gaspar e Pommeroda, integrantes da 3.ª zona eleitoral do Estado.

4 a 7 — As apurações da eleição realizam-se no Clube Náutico “América”, sob a presidência do dr. Juiz Eleitoral e que, com o empenho de abnegados componentes da Junta Apuradora, são concluídas em prazo mínimo. Foram os seguintes os resultados: 3.ª Zona Eleitoral: 29.206 eleitores, assim distribuídos Blumenau: eleitores de 85 seções: 21.328. Votaram 20.052. Deixaram de votar 1.276. Eleitores de outras seções: 566. Gaspar: eleitores de 20 seções: 4.834; compareceram 4.632.

Não votaram 202; De outras seções 104. Pommeroda: eleitores de 17 seções: 3.724 — Compareceram: 3.544; deixaram de votar 180; de outras seções: 92. Votação para prefeito de Blumenau: Hercílio Deeke (UDN) 9.453 votos; José Ferreira (PTB) 7.058; Érico Müller (PRP-PSD) 3.171 votos. Para Governador do Estado: Irineu Bornhausen (UDN) 9.795, Celso Ramos (PSD) 9.552.

Para Presidente da República: Jânio Quadros, 8.815; Teixeira Lott 8.195; Adhemar de Barros 2.012.

Para Prefeito de Gaspar venceu o Sr. Pedro Krauss com 34 votos sobre o seu competidor Julio Schramm, o primeiro do PSD e o último da UDN.

Em Pommeroda, para Prefeito: Arnoldo Hass (UDN) com 664 votos sobre Wladislaw Constanski (PSD), seu competidor.

Prefeitos eleitos nos demais municípios do Vale do Itajai: Itajai: Eduardo Canziani (UDN); Brusque: Cyro Gevaerd; Indaial: Alfredo Hardt (UDN); Timbó: Mário Luís Schuster (PSD); Rodeio: Germano Tambosi (UDN); Ibirama: Manoel Marquetti (PSD); Rio do Sul: Raulino Rosar (PSD); Em Joinville, vence o sr. Hellmuth Fallgater com 581 votos sobre o candidato Paulo Borhausen.

6 — Em homenagem ao candidato eleito, Sr. Celso Ramos, realizam os seus correligionários e simpatizantes entusiástica passeata pela rua 15 de Novembro e bairros da cidade, sob intenso fogueiro.

12 — É publicado o resultado final das eleições para o governo do Estado e do país, em Sta. Catarina: Celso Ramos, 261.912 votos; Irineu Bornhausen, 240.991; Doutel de Andrade, 231.917; Carlos Gomes de Oliveira, 210.331; Martinho Calado: 15.712; Jânio Quadros, 225.810; Marechal Henrique Lott, 221.352; Adhemar de Barros 41.600; João Goulart, ... 234.590; Milton Campos, 175.361; Fernando Ferrari, 50.229 votos.

15 — Pelo Dr. Juiz Eleitoral da 3.^a

Zona foi efetuada a cerimônia da diplomação dos prefeitos eleitos.

— Durante o mês realizam-se várias festividades: de 8 a 9, no Tabajara, campeonato estadual infanto-juvenil de Tenis; nos mesmos dias, em benefício do Jardim da Infância "Princesa Isabel", de Itoupava-Sêca, festa popular na sede do E. R. Ipiranga; Show artístico na Sociedade de Caça e Tiro, promovido pela Campanha de Solidariedade humana, cujos lucros revertem em benefício do projetado "Abrigo para Menores Desvalidos"; festa nos moldes tradicionais, no pátio do Teatro Carlos Gomes, em benefício da entidade; um concerto da Orquestra Sinfônica e câro orfeônico da Sociedade Dramático Musical "Carlos Gomes" por iniciativa dos Rotary-Clubes do Centro e Norte de Blumenau para angariar fundos para a manutenção da mesma orquestra, que se ressentida da falta de certos instrumentos de sôpro, constringida a contratar músicos de fora; a 30, festa em benefício da igreja de "Cristo-Rei", da Velha.

16 — Primeira Comunhão de 280 crianças na igreja matriz.

No decorrer do mês é iniciada a parte final do lindo templo católico com o comêço da construção da torre, que será levantada sobre duas possantes colunas no nível da rua 15, entre as quais subirá a escadaria.

— Em tôrno da apreensão de redes e tarrafas pela inspetoria de Caça e Pesca, por estar proibida esta modalidade de pescaria pelo período de dois anos, para garantir a procriação dos "dourados", soltos no Itajaí-açu., em maio do

ano em curso, surgem discussões em programas de rádio e pela imprensa. E quando o caso ainda permanece em pauta, aparecem, a 22, milhares de peixes mortos e agonizantes no Ribeirão da Velha, com as cabeças fora d'água, procurando escapar do tóxico das águas, chegando os "cascudos" a subir pelas pedras, morrendo ao sol escaldante. Ficou constatado que um bueiro, desentupido naquele dia que represara águas numa baixada, durante semanas, provocara o incidente, opinando o delegado de Caça e Pesca ter sido o tóxico produzido por grande quantidade de cipó Timbó (empregado pelos índios na pescaria) porquanto o laboratório que examinou a água contaminada atestou "tóxico natural". Constatou-se, posteriormente, que produtos químicos do esgôto de uma fábrica dos arredores, represados pelo bueiro entupido, escoando, no dia, em grande proporção para o ribeirão da Velha, foram a razão do lamentável acontecimento.

— Ocorrem vários acidentes de trânsito, durante o mês, um de fatal consequências, perdendo a vida o jovem Ivo Maas, esportista de destaque, jogador do "Amazonas Futebol Clube" do Garcia.

9-11 — O funcionário do Departamento Municipal de Águas, que se submetera a uma intervenção cirúrgica no dia anterior, desaparece do quarto do hospital Sto. Antônio, sendo encontrado dias depois, seu corpo na barranca do rio, atrás daquele nosocômio, submerso nas águas do Itajaí, supondo-se que o mesmo sofrera um acidente quando pretendia alcançar uma canoa, para ir à sua casa, no bairro de Ponta Aguda.



A 8 DE JANEIRO DE 1924, faleceu em Florianópolis, com 80 anos de idade, Carlos Hoepcke. Era natural da Alemanha e, em 14 de janeiro de 1863, embarcara em Hamburgo, com destino ao Brasil, no veleiro "Urânia". Desembarcou em Itajaí e adquiriu terras na colônia Blumenau. Veio em companhia de sua mãe e de uma irmã. Viveu três anos em Blumenau, como colono. Foi, depois, a chamado de seu tio, Fernando Hackradt, para Destêrro, tornando-se guarda-livros da firma do mesmo. De guarda-livros passou, depois, a dono da casa comercial, transformando-a no maior empório mercantil de Santa Catarina. Montou indústrias de pregos e de rendas e fundou a empresa de navegação que porta o seu nome.

Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S. A.

BRUSQUE -- SANTA CATARINA

(Fundada em 1892)

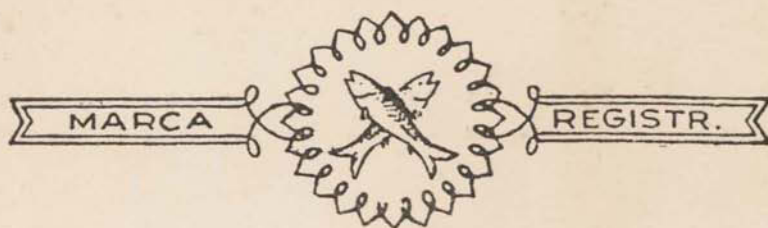
“ R E N A U X ”

UMA TRADIÇÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL
TECIDOS DE ALTA QUALIDADE
CÔRES FIRMES E
ACABAMENTO PERFEITO

FILIAIS EM PÔRTO ALEGRE E BLUMENAU
REPRESENTANTES EM
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR
BELO HORIZONTE — FORTALEZA
MACEIÓ

INDÚSTRIA TÊXTIL COMPANHIA HERING

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL N.º 2
TELEGR.: "TRICOT"



Fábrica de Artefatos de Malhas

FUNDADA EM 1880

CONTRIBUINDO PARA A

GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E INDÚSTRIA